



FUNDAMENTOS DA ANÁLISE DO DISCURSO E SUAS RELAÇÕES COM OS DOMÍNIOS DO MATERIALISMO HISTÓRICO E DIALÉTICO

Ana Zandwais¹

INTRODUÇÃO

Este estudo busca refletir em torno de determinados fundamentos que embasam a disciplina de Análise do Discurso e para tanto toma como pontos de partida a leitura produzida por Michel Pêcheux em 'Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio (1988)' acerca das heranças positivistas que exercem posições hegemônicas nos domínios da Linguística, e com as quais ele procura romper. Ao mesmo tempo, buscamos focalizar também as heranças epistemológicas das quais Pêcheux se serve a fim de constituir uma teoria materialista do discurso e dos sentidos.

POR UMA TENTATIVA DE DELIMITAR A TRAJETÓRIA DE MICHEL PÊCHEUX

Michel Pêcheux, na abertura de *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio* concentra-se em torno de uma leitura a respeito do processo de crise do movimento comunista internacional e, sobretudo, acerca dos efeitos nefastos do regime stalinista sobre os destinos do movimento operário, das organizações político-populares soviéticas, dos intelectuais, da cultura e da ciência. Essa leitura, segundo nossa ótica, constitui-se em uma retomada do percurso do PCUS, envolvendo seus entraves e seus limites.

Tomando, assim, a leitura realizada por Pêcheux como um ponto de referência e detendo-nos notadamente em torno das críticas feitas aos domínios da Ciência da Linguagem, a fim de colocar em perspectiva a estagnação, no contexto do "Leste", dos estudos desenvolvidos nesta área é que nos propomos a refletir sobre as escolhas epistemológicas do autor. E como nosso percurso gira em torno das noções de ideologia e de Formação discursiva (Fd.), trataremos de caracterizar os modos através dos quais estas noções se entrelaçam em sua trajetória.

Reportando-se aos anos 1960, por ocasião da realização do XX Congresso do PCUS, Pêcheux assinala que o ressurgimento das pesquisas semânticas à luz do marxismo é contemporâneo ao momento de realização deste congresso, considerando, sobretudo, que durante o regime de Stalin, Jdanov², que fora responsável pela elaboração dos fundamentos que deveriam reger o 'realismo científico,' teria criado inúmeros obstáculos para o avanço de pesquisa de cunho

¹ Professora do PPG-Letras da UFRGS.

² Jdanov, apresentado como um personagem que assombra o rumo das ciências na URSS, fora secretário do PCUS e responsável pela política de implantação de uma nova era cultural durante o regime stalinista.

notadamente marxista. E Nicolai Marr,³ por seu turno, com sua visão equivocada sobre a hegemonia dos estudos paleontológicos, no âmbito das pesquisas semânticas, teria contribuído para o fortalecimento das idéias historicistas-comparatistas, no âmbito dos estudos da linguagem, em detrimento dos estudos embasados nos materialismos histórico e dialético.

Entendendo, portanto, que os estudos sobre a ideologia deveriam assumir um papel privilegiado nesta retomada de “lacunas” abertas pela influência das intervenções jdanovianas e marristas, no contexto soviético, Pêcheux volta sua atenção para as concepções althusserianas de ideologia, uma vez que as pesquisas que teriam sido desenvolvidas pelo lingüista polonês Adam Schaff⁴, embora buscassem embasamentos na obra ‘A Ideologia Alemã’, não colocaram sob suspeita o caráter distinto que a Semântica deveria ocupar, como uma área de estudos que demandaria diálogos com outras áreas de conhecimento, tais como a Filosofia, o Materialismo histórico e dialético e a Psicanálise.

Uma outra razão para rejeitar a leitura de Schaff, poderia ser justificada pela ausência de crítica às tendências hegemônicas de fundamentos positivistas na Linguística, tais como as oposições entre aspectos cognitivos e valorativos no tratamento da significação e entre objetividade e subjetividade, razão e emoção nas investigações em torno da linguagem e do sujeito .

Buscando, portanto, investigar o funcionamento da linguagem da perspectiva de “uma análise materialista do efeito das relações de classes sobre as práticas lingüísticas” (1988:24) com vistas a aprofundá-las no contexto do ‘oeste’, basicamente dominado por interesses burgueses, Michel Pêcheux quer desconstruir as evidências de base positivista sobre as quais se apóiam diferentes correntes da Linguística (formalista, estruturalista, sociologista). E para tanto serve-se dos estudos de Louis Althusser (1999) que, segundo Pêcheux (id., p.31), embora não falem de Semântica, não estejam direcionados para os domínios da Ciência da Linguagem, tratam das relações entre ideologia, sujeito e sentido.

Nossa pergunta inicial ao buscar compreender, pelo menos em parte, a remissão de Pêcheux aos escritos de Althusser seria: por que não se reportou diretamente a Lênin ou a Marx para tratar da questão da ideologia, considerando que em ‘Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio’ Pêcheux coloca-se, assumidamente, como marxista-leninista?

Tentando, então, de modo sintético, responder a questão, entendemos que Karl Marx (1953) ao apropriar-se de parte da herança hegeliana sobre o estatuto da ideologia, ainda que a critique, tendo em vista o fato de que o mundo das idéias não poderia suplantar a ordem do real, toma, de qualquer modo, como válido o pressuposto de que “a ideologia inverte a realidade de cabeça para baixo,” o qual resultará na tese marxista de que a ideologia corresponderia a uma “falsa consciência” na qual os sujeitos estão imersos em suas relações de produção.

Esta concepção que coloca na pauta a própria condição da consciência humana, a fim de descrever os interesses e conflitos que estão em jogo na luta de classes, irá conferir à ideologia, entretanto, um caráter de negatividade, já que vem acarretar uma relação de dualidade entre ciência

³ As idéias de Nicolai Marr (2007), paleontólogo e lingüista adquiriram grande prestígio em Leningrado, onde se estabeleceu, e obteve grande prestígio pela difusão de suas teorias sobre a hibridação entre as línguas caucasianas e ocidentais e sobre a paleontologia semântica.

⁴ Fazemos referência, notadamente, à obra intitulada ‘Introdução à Semântica’.

e ideologia. A ideologia, então, desde esta ótica, conforme Etienne Balibar (1995) seria o “lado mau da história”, o que acaba por gerar um paradoxo na teoria de Marx, uma vez que os fios condutores das relações de antagonismo entre as classes seriam o modo de produção das relações de produção e a divisão do trabalho, o que deveria colocar a ideologia em uma dimensão histórica, real, e, portanto, em um lugar de positividade, capaz de explicar as contradições próprias das relações de produção.

Ainda fazendo digressões em torno da questão, entendemos que Lênin em sua célebre obra ‘Que Fazer’(1986) reflete sobre o compromisso dos bolcheviques com o desenvolvimento integral da consciência política do proletariado, envolvendo diferentes segmentos do movimento operário: os dirigentes, os teóricos, os propagandistas, os agitadores, os articuladores e os soviets, com vistas a despertar em todo proletariado a paixão pela luta política. Pode-se dizer que é Lênin um dos precursores da não divisão entre ciência e ideologia. Para ele, o modo de produção dos conhecimentos que devem atender aos interesses do proletariado não deve estar em consonância com o modo de produção dos saberes que representam os interesses da burguesia. E neste sentido, uma ciência capaz de atender aos interesses do proletariado não poderia estar embasada em pressupostos burgueses, mas em saberes capazes de emancipar a classe operária.

Ao desfazer a oposição entre ciência e ideologia, Lênin retira de sua concepção de ideologia o caráter de negatividade presente na concepção marxista de ideologia, conferindo-lhe um novo estatuto empírico. No entanto, Lênin, ainda que fosse um estadista voltado para as questões práticas, não consegue estabelecer uma ponte em torno das relações entre a ideologia e seu modo de funcionamento concreto no interior das esferas institucionais, articulando teoria e prática.

Mas se a Semântica adquire um papel capital para Pêcheux, na medida em que é ela que possibilita desconstruir as evidências cristalizadas nos estudos da linguagem, como a escolha de um percurso teórico alicerçado nos pressupostos de um filósofo que não fala de Semântica poderia ajudá-lo? E como o estudo sobre as ideologias, que nos leva a refletir acerca das relações de poder, dos interesses de classe e das formas de interpelação, de manipulação, sedução e de dominação que sustentam determinados conjuntos de interesses representativos da condição de poder de uma ou outra classe podem ser contemplados na obra de L. Althusser?

Parece-nos que uma das questões cruciais, para Pêcheux, em relação ao tratamento do objeto discursivo, e que vem aproximá-lo das teses althusserianas consiste no modo como L. Althusser (1999) traz para o campo da prática concreta, da objetividade, a questão da ideologia, conferindo a esta noção um estatuto operacional sólido, bem diferente do estatuto hegeliano e que pode ser analisado pelo funcionamento das formações ideológicas no interior dos aparelhos, pelas práticas classistas que se desenvolvem dentro dos aparelhos de Estado e que “traduzem” tanto o modo através do qual são reproduzidas as relações de produção, como as condições em que se materializam as correlações de força entre as classes.

É precisamente tomando a noção de formação ideológica de Althusser (1999) como um alicerce para pensar de que modo o discurso funciona concretamente no interior das formações ideológicas que Pêcheux irá inscrever o trabalho orgânico da contradição em sua teoria, a partir da

compreensão de que seria necessária uma noção empírica de discurso, capaz de relacionar-se de modo contraditório com a noção de Formação Ideológica (FI).

Entendendo, pois, que não há uma correspondência simétrica entre uma Formação Ideológica (FI) e uma Formação Discursiva (FD) é que Pêcheux irá explicar as condições em que se produzem os processos discursivos, já que no interior de uma mesma FI. podem conviver, de modo contraditório e até mesmo antagônico, diferentes FD que se reportam à própria condição desigual das Formações Ideológicas .

Assim, tratar da noção de formação discursiva, sob a forma dialética de operar sob condições de instabilidade, intervindo na própria fixidez da matéria linguística foi uma importante forma não somente de dialogar, como também de responder às lacunas presentes no interior da teoria althusseriana, já que a noção de formação ideológica, tomada como um complexo de representações, rituais, práticas que se desenrolam no interior dos aparelhos de Estado e que se reportam “a posições de classe em conflito” (1975:233) não responderia à questão sobre as condições de funcionamento do discurso como materialidade empírica capaz de inscrever-se em uma ordem simbólica específica e de dotar de significação as práticas que se desenrolam no interior dos aparelhos institucionais.

O objeto discursivo, tomado como um processo determinado por condições de produção sócio-históricas produz sentidos, enquanto efeitos de construções ideológicas (práticas, retóricas) e das formas de representação que identificam as relações de pertencimento identitário dos sujeitos às FI. e FD. e aos lugares que estes ocupam ou se atribuem nas relações de produção.

Esta reflexão parece ocupar um espaço singular na teoria de Pêcheux, já que, para ele, a ideologia somente pode ser apreendida a partir de um olhar em torno das diferentes materialidades através das quais ela se constitui e se propaga: a) as materialidades simbólicas que remetem ao campo das diferentes práticas sociais (visuais, gestuais, sonoras, rituais); b) as materialidades simbólicas que remetem ao campo do discurso e que trabalham na condição de elaborar, sedimentar e de cristalizar os sentidos.

É o próprio Pêcheux (2009: 21) ⁵ quem traduz o paradoxo da Análise do Discurso que pode ser observado na prática indissociável da reflexão crítica que a AD precisa fazer.

Por um lado, precisa refletir em torno da evolução problemática das teorias lingüísticas. Por outro, sobre as transformações no campo político-histórico, de tal modo que a noção de Fd. somente pode ser compreendida se alicerçada, ao mesmo tempo, a materialidades de diferentes ordens: históricas, enunciativas e lingüísticas.

É importante considerar, por outro lado, que ao tratar das condições heterogêneas e desiguais em que se produz o trabalho da ideologia, Pêcheux irá não somente tratar do modo de produção/reprodução dos sentidos no interior dos aparelhos ideológicos, como faz Althusser (1999) em seu célebre texto “ A Propósito da Reprodução das Condições de Produção” mas também

⁵ Reportamo-nos ao texto “ O Estranho Espelho da Análise do Discurso” que prefacia a Tese de Doutorado de Jean Jacques Courtine intitulada “ Análise do Discurso Político: o discurso comunista endereçado aos cristãos”, apresentada em 1980 na Universidade de Paris-Nanterre , também traduzida para a Língua Portuguesa (2009).

caracterizar o espaço da desigualdade no interior dos aparelhos ideológicos como um lugar ambíguo, passível de reprodução, e, ao mesmo tempo, de transformação.

Assim, para Pêcheux, [...] “seria absurdo pensar que numa conjuntura dada, todos os aparelhos de Estado contribuem de maneira igual para a reprodução das relações de produção e para a sua transformação” (1988: 145).

É, pois, a partir da observação da condição desigual em que se produz o trabalho da ideologia que Pêcheux consegue se desvencilhar das heranças “positivistas”⁶ presentes na teoria de Althusser, segundo nosso ponto de vista, já que é no âmbito do funcionamento concreto da dialética no interior dos aparelhos ideológicos e no modo de relação entre posições desiguais tanto no interior dos aparelhos como no interior das FDs que se faz possível extrapolar as condições de “determinismo” da própria história e das formas de circulação dos sentidos.

Ao tratar desta questão, Pêcheux observa, de modo enfático, que [...] “*ao falar de ‘reprodução/transformação’ estamos designando o caráter intrinsecamente contraditório de todo modo de produção*” e que “*seria errôneo localizar em pontos diferentes, de um lado, o que contribui para a reprodução das relações de produção e, de outro, o que contribui para a sua transformação.*” (1988:144)

Esta reflexão sobre o funcionamento orgânico das relações intrincadas entre as Fld. e as Fd., segundo nossa ótica, vem caracterizar, de modo concreto, o fato de que os aparelhos ideológicos servem de palco tanto para as relações de produção/reprodução como para as condições de transformação das relações de produção, considerando-se que as lutas de classe e as práticas de resistência e de revolta ocorrem de forma simultânea no interior dos aparelhos, variando em termos de relações de dominância, subordinação/insubordinação. E é justamente a partir deste prisma que Pêcheux constata que a ideologia não pode se reproduzir sob a forma de um *zeitgeist* ou ‘espírito de uma época’, o qual se impõe de forma homogênea e repetitiva na sociedade ao longo dos tempos.

Deste modo, ao reformular as bases do pensamento de L. Althusser sobre o funcionamento da noção de Fld. Pêcheux consegue também refletir melhor em torno das possíveis “fronteiras reais entre objetos reais”, o que vem contribuir para que ele repense sob que condições a noção de Fd⁷. precisa ser descrita: não a partir de condições de produção estáveis, mas, ao contrário, com base na observação dos modos como esta, em suas condições de “permeabilidade” se reproduz, mas ao mesmo tempo se desarranja e se transforma no seio das correlações de forças e do jogo de interesses que movem as classes no curso da história. Cabe ainda colocar em destaque o fato de embora saibamos que a leitura de L. Althusser sobre o modo de funcionamento das relações de produção/reprodução nos permita compreender, de forma concreta, como são produzidas as relações de alienação no seio da sociedade burguesa, é importante salientar que ele não projeta, em suas reflexões, outras possibilidades de correlações de força entre o proletariado e as classes detentoras do poder, capazes de superar a infalibilidade da alienação.

⁶ Courtine (2009: 81) critica o modo com Althusser descreve o funcionamento da noção de aparelho ideológico de Estado, reportando-se ao fato de que através de sua descrição Althusser condena o trabalho da ideologia à condição permanente de reprodução.

⁷ É importante lembrar que a noção de Formação Discursiva inicialmente proposta por Pêcheux pressupõe condições de produção estáveis e homogêneas, o que a abstrai de pressupostos que se articulam às bases do materialismo histórico.

É, portanto, a partir de uma trajetória que envolve recuos e comprometimento com a adoção de uma perspectiva genuinamente marxista-leninista, que pressupõe o espaço para transformação no interior das relações contraditórias que permeiam a reprodução que Pêcheux irá configurar a noção de discurso como um processo que se alimenta de relações descontínuas e discrepantes, conferindo, assim, à disciplina de Análise do Discurso um caráter mais emancipatório, tanto em relação à força da tradição dos estudos formalistas e estruturalistas no seio dos estudos da linguagem, como em relação à hegemonia das heranças positivistas no interior dos estudos marxistas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER, Louis. A reprodução. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1999. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira

BALIBAR, Étienne. A filosofia de Marx. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1995.

COURTINE, Jean Jacques. Análise do discurso político. O discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: EDUFSCAR, 2009. Trad. Cristina Campos Velho Birck et al.

LENINE, Vladimir I. Obras escolhidas. São Paulo: Ed. Alfa-Ômega, 1986, Tomo I. Trad. Instituto de Marxismo-Leninismo.

MARX, Karl. De La production de la conscience. L'ideologie allemande. Paris: Ed. Sociales, 1953

MARX, Karl, ENGELS, Friedrich. A ideologia alemã. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2008.

PÊCHEUX, Michel, FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso. In: GADET, Françoise, HAK, Tony. (orgs.) Por uma análise automática do discurso. Campinas: Ed. da Unicamp, 1975, p. 163-252

_____ Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas, Ed. Unicamp, 1988. Trad. Eni P. Orlandi et al.

_____ O estranho espelho da análise do discurso. In: COURTINE, Jean Jacques. Análise do discurso político. O discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: EDUFSCAR, 2009, p 21-26. Trad. Cristina Campos Velho Birck et al.

SCHAFF, Adam. Introdução à semântica. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1968. Trad. Célia Neves

VELMEZOVA, Ekaterina. Les lois du sens: La sémantique marxiste. Berne: Ed. Peter Lang, 2007.